

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**OS SIGNIFICADOS DE SER TORCEDORA PARA INTEGRANTES DO NÚCLEO
DE MULHERES GREMISTAS**

Carolina Butzke Buchmann

Porto Alegre, novembro de 2009

OS SIGNIFICADOS DE SER TORCEDORA PARA INTEGRANTES DO NÚCLEO
DE MULHERES GREMISTAS

Carolina Butzke Buchmann

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Professor Dr. Marco Paulo Stigger (UFRGS) e co-orientação da Dtda, Ileana Wenez (UFRGS)

Porto Alegre, novembro de 2009

RESUMO

OS SIGNIFICADOS DE SER TORCEDORA PARA INTEGRANTES DO NÚCLEO DE MULHERES GREMISTAS

Autora: Carolina Butzke Buchmann

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Neste estudo, propus-me a discutir os significados do ato de ser torcedora para as integrantes de um grupo formado exclusivamente por mulheres, no caso, o Núcleo de Mulheres Gremistas. Esse grupo é formado por mulheres de vinte até oitenta anos, que se enquadram nas mais variadas situações socioeconômicas. Optei por uma pesquisa qualitativa na qual me utilizei da observação direta e de entrevistas semiestruturadas. Por meio de ferramentas como os diários de campo e conversas informais, obtive informações valiosas para o trabalho. Posteriormente, pude observar os significados que essas mulheres dão ao fato de comporem a torcida de seu time e a importância de participação no grupo. Descrevo e analiso o Núcleo de Mulheres Gremistas desde o seu surgimento até o momento atual, explorando as suas atividades, os seus objetivos, as motivações e a organização como grupo. Durante o tempo em que estive no campo, deparei com três pilares que sustentam o grupo: o sentimento de pertencimento vinculado ao ato de torcer pelo Grêmio, o ser “torcedora” como uma atividade de lazer e a relação de convívio e amizade entre as participantes. Finalizo o trabalho, destacando as contribuições dessa pesquisa no âmbito da participação das mulheres em uma modalidade dita masculina e saliento o quanto esta temática ainda nos tem a oferecer para possíveis pesquisas.

Palavras Chaves: futebol, mulheres, torcer e lazer.

ABSTRACT

THE MEANINGS OF BEING A SUPPORTER TO THE MEMBERS OF THE GROUP “NÚCLEO DE MULHERES GREMISTAS”

Author: Carolina Butzke Buchmann

Adviser: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

This study discusses the meanings of being a supporter to the members of a group formed only by women – the group “Núcleo de Mulheres Gremistas”. The group is composed by women with ages from twenty to eighty years old who have different socioeconomic conditions. In this qualitative research, both direct observation and semi-structured interviews were used. By analyzing field diaries and informal conversations, very important information was obtained, including the meaning of being part of the group of supporters as a whole and the importance of being a member of this specific group. In this study, the group Núcleo de Mulheres Gremistas was analyzed since its beginning until nowadays, with the description of its activities, its objectives, its motivations and its organization. During field research, it was possible to observe that there are three pillars sustaining the group: the feeling of belonging related to the act of supporting Grêmio, the fact of being a supporter as a leisure activity, and the friendship built among the members. In the end of the study, it is given emphasis to its contributions to women’s participation on a traditionally masculine modality, indicating what this subject can offer to further researches.

Key words: football, women, support and leisure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. MULHERES NOS ESPORTES	8
1.1. Mulheres no futebol	10
1.2. Mulheres torcedoras	12
2. METODOLOGIA	14
3. DESCRIÇÃO DO NÚCLEO DE MULHERES GREMISTAS	17
4. TORCER: FUTEBOL E PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO	23
5. TORCER: LAZER, CONVÍVIO E AMIZADE	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	41
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Ao abordarmos a temática das mulheres como torcedoras de uma modalidade dita masculina, como o futebol, cabe fazer um apanhado da trajetória feminina na sociedade e no mundo esportivo. Esse trabalho é feito para compreendermos as atitudes, os acontecimentos e os julgamentos que acontecem como decorrência desse processo de aceitação e inclusão.

Mesmo com o efetivo crescimento e popularização do futebol dentre as mulheres, seja como atletas, praticantes, torcedoras, consumidoras, dirigentes, árbitras, seja até mesmo como comentaristas, elas enfrentam, na maioria das vezes, uma carga extra de provação e de conquista de espaços.

A realização desta pesquisa ocorreu devido à união de um fator pessoal a um profissional. A minha vida sempre esteve relacionada ao futebol e ao ato de ser torcedora. O fato de ser perceptível o significativo aumento da presença feminina nos estádios de futebol, de surgirem times femininos nos clubes de futebol no Brasil e também das mulheres praticarem o esporte cada vez em maior número, relacionado ao fato de, futuramente, ser uma educadora física levou-me a buscar mais informações. Além disso, curiosamente parece de haver pouquíssimos materiais e artigos acadêmicos a respeito do assunto também me motivaram para a abordagem do tema.

O objetivo dessa pesquisa foi o de analisar os significados que torcer por um time de futebol tem para as integrantes de um grupo de mulheres torcedoras. Foram determinadas como justificativas para a realização desta pesquisa três fatores de extrema relevância: o interesse das mulheres na aproximação de uma modalidade tipicamente masculina; a falta de material existente sobre o assunto “Mulheres como torcedoras de futebol” e a existência de um grupo formado por mulheres pertencentes a uma agremiação de grande porte que se enquadra na temática do estudo.

Esta pesquisa foi realizada com o Núcleo de Mulheres Gremistas, um grupo de mulheres ligadas ao futebol, localizado nas dependências do Estádio Olímpico. O contato com as integrantes ocorreu por meio da observação participante e, posteriormente, por meio de realização de entrevistas semiestruturadas. O resultado

final deste trabalho será avaliado para a aprovação de trabalho de conclusão de curso em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. MULHERES NOS ESPORTES

O movimento feminista desencadeado em meados da década de 70, durante a ditadura militar, faz parte da história recente de luta e de busca por condições de igualdade das mulheres brasileiras. Este movimento, a reivindicação pelo voto feminino, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o abandono do espaço doméstico segundo Goellner (2001, p.10) “configuram-se como atitudes a serem observadas com atenção e zelo visto que podem desestabilizar uma ordem culturalmente construída”.

De fato, a tendência das mulheres buscarem espaço, reconhecimento e mudanças socio-esportivas começaram a preocupar e a alertar os homens e os órgãos governamentais da época. Prevendo uma revolução sequencial em todas as áreas, surgiram ‘preocupações’¹ com o bem-estar das mulheres, levando à criação de um documento, no qual foram colocadas medidas preventivas e de controle, visando o gerenciamento do andamento da prática esportiva feminina. Parecia haver receio de parte da população à possível subversão das atividades sociais promovidas pelas jovens que começavam a abandonar o lar e as suas funções primordiais para ‘invadirem’ o espaço social e esportivo, por alguns considerados de exclusividade masculina (GOELLNER, 2001).

Essa prática era delimitada pelo Decreto Lei 3199 que vigorou até 1975 e que trazia orientações inspiradas em recomendações médicas higienistas, tais como, o argumento de que às mulheres não se permitiria prática de desportos incompatíveis com as condições da natureza feminina. Rubio & Simões (1999) complementam expondo a proibição da prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol. Dessa forma, algumas práticas estigmatizaram-se como pertencentes exclusivamente ao universo masculino. Nesse mesmo período, as práticas esportivas femininas foram praticamente interditadas, segundo Goellner (2005b, p.93) “por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino”.

Com o desaparecimento oficial da maioria das práticas esportivas femininas, de acordo com Darido (2002), é a partir da revogação da CND em 1986 que as

¹ Quando nos utilizarmos das aspas simples é com o significado de sentido figurado da palavra ou ação.

portas são novamente abertas para que as práticas esportivas femininas sejam reconstituídas e desenvolvidas. Até certo ponto, parece que as diferenças entre homens e mulheres seriam deixadas para trás, no passado. Entretanto, é só olhar para a história para notarmos que a “historiografia machista não se limita a ignorar a mulher” (Moreno, 1999 *apud* MARTINS & MORAES, 2007, p.72), ela vai além e a trata com desprezo, pela forma como apresenta ou pelas informações que omite, pois através da escrita ou de imagens gera controvérsias, dúvidas e acaba sendo imprecisa.

Coerentemente com o acima citado, faz sentido a história do esporte nacional ter um histórico grande de distinções, incentivos, apoios, visibilidades e oportunidades concedidas e conferidas às mulheres e aos homens exatamente pela forma como foi dada a sua construção até agora descrita (GOELLNER, 2005b). E esse problema não é exclusivo do Brasil e nem das práticas esportivas consideradas masculinas, de acordo com Sterkenburg & Knoppers (2004, *apud* MARTINS & MORAES, 2007, p.70),

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes envolvendo mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para notícias do que os esportes envolvendo homens.

Isso nos leva a refletir que a desvalorização é dada pelo gênero que está envolvido na prática. Para tentarmos compreender essa problemática, o primeiro cuidado que devemos ter é em relação ao significado que o gênero nos proporciona. Segundo Souza (2006), ele deve nos indicar as construções sociais, a definição do esperado para ser considerado feminino e masculino, as representações, enquanto o sexo refere-se à identidade biológica de uma pessoa. Outra manifestação acerca da construção dos gêneros na mesma linha de pensamento dá-se por Cadavid & Castro (2001) ao afirmarem que o gênero permite o entendimento da construção como seres sociais de homens e mulheres, baseando-nos nas características biológicas de cada sexo, buscando uma interpretação da feminilidade e da masculinidade em relação às representações, símbolos, normas e valores referentes à sociedade. Louro (1997) vai mais adiante, ao tentar deixar claro que a definição de gênero é formulada pelas formas como são representadas ou valorizadas as

características sexuais, o que se fala, pensa e faz é o que dá forma e delimita o que é considerado feminino ou masculino em certo período histórico ou em uma dada sociedade.

Para completar, Scott (1995 *apud* KNIJNIK & VASCONCELLOS, 2003) também leva a crer que a sociedade é construída e firmada sobre ideias e concepções que cada cidadão possui e recebe, de tal forma que o gênero torna-se maneira de indicar as construções sociais que cabem aos homens e às mulheres, a ponto de pessoas membros desta mesma sociedade desafiarem essas questões sociais construídas ao longo do tempo. Cabe a todos encontrar formas de lidar com essa problemática em que as mulheres e as modalidades esportivas estão envolvidas, entre elas, o futebol, no intuito de desfazer essas situações geradas por possíveis transformações corporais, alterações na constituição biológica, feminilidade em 'xeque mate' e dúvidas relacionadas a sexualidade.

1.1. MULHERES NO FUTEBOL

No Brasil, de forma generalizada, o futebol é considerado um jogo tipicamente masculino. Para Knijnik & Vasconcellos (2003, p.4), "isso se deve ao 'país do futebol' [excluir,] deixando à margem e na sombra, as mulheres que o praticam".

Conforme matérias e notícias da época parece que, em meados da década de 80, logo em seguida à revogação das leis que impediam as mulheres de praticar o futebol, houve um *boom* extraordinário com o surgimento de vários times femininos e de campeonatos próprios para elas com visibilidade nacional. Embora tenha havido uma movimentação com intenções de estabelecer um espaço feminino, não foram suficientemente firmadas para que fossem criadas estruturas semelhantes, quando não superiores à do futebol masculino como aconteceu em outros países (Franzini, 2005).

A presença das mulheres no futebol não estava desvinculada do preconceito, da dificuldade para praticá-lo e da pressão da sociedade. Tais fatores caracterizavam-se como determinantes para que apenas uma pequena parcela das mulheres realmente estivesse presente no universo do futebol. O futebol feminino quase não recebia atenção da mídia, e quando a tinha, era de certa forma estereotipada, de caráter maldoso e preconceituoso. Matérias da época, por exemplo, relatam: O futebol depois da louça lavada, Mesa tirada, rumo à praia para

o futebol, Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol (Salles, Silva e Costa 1996, *apud* MOURÃO & MOREL, 2005, p.78 e 79). Para Martins & Moraes (2007, p.73), “O preconceito social induziu a um preconceito esportivo, pois a mulher praticante de futebol era tida com masculinizada, grosseira e sem classe social”. E não demorou muito para que o futebol feminino, desgastado e sem direção, perde-se fôlego e desaparecesse com a mesma velocidade com que havia surgido.

Após esse período, o que percebemos foram várias tentativas de solidificação dessa modalidade entre as mulheres. Mesmo assim, o que temos hoje no futebol feminino é um processo sem continuidade, em que ora expande, ora retrocede sem um acompanhamento adequado e sem conseguir acompanhar os resultados expressivos conquistados pela Seleção Brasileira Feminina. Franzini (2005, p.315) traz uma afirmação realizada em 1995, em que o então Secretário-Geral da FIFA, Joseph Blatter, lançou-se a uma profecia ao afirmar que “o futuro do futebol é feminino”. E tal afirmação era baseada na expansão e rápido crescimento desse esporte entre as mulheres, principalmente a partir da década de 80.

Exatamente por ocupar lugar de destaque no cotidiano da população brasileira e pelo fato de as mulheres estarem incluídas nesses 191,5 milhões de apaixonados por futebol, segundo dados do IBGE², é de nos questionarmos assim como o fez Franzini (2005) a respeito do fato de não ter havido sensibilidade suficiente para compreender que a entrada das mulheres em campo ocorreu como decorrência da popularização do futebol entre nós e não com a intenção de ocupar ou de concorrer pela ocupação dos mesmos espaços com os homens.

Dessa maneira, surgem questionamentos acerca da presença das mulheres no mundo futebolístico. Elas despontam como possível foco principal na função de torcedoras ou são secundárias e têm funções acessórias dentro das quatro linhas do campo? O certo é que,

Transgressoras ou não, as mulheres há muito estão presentes no futebol brasileiro. Vão aos estádios, assistem campeonatos, acompanham o noticiário, treinam, fazem comentários, divulgam notícias, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes... enfim, participam do universo futebolístico e isso não há como negar. (GOELLNER, 2005a, p.149)

² IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Dados referentes à data de 1º de julho de 2009.

Costa (2007) coloca que cabe um *feedback* em relação à compreensão dos papéis que as mulheres vêm exercendo dentro e fora do campo por serem pertencentes da modalidade mais popular do nosso país.

Afinal, qual espaço pertence a essas mulheres que se interessam, praticam, vivenciam e vibram com a existência do futebol?

1.2. MULHERES TORCEDORAS

De acordo com os números divulgados na imprensa por variados meios de comunicação referentes a pesquisas, enquetes e estudos em que a mulher no futebol é o objeto central, pelo menos uma certeza é possível de se ter: elas vieram e para ficar. Ou seja, do campo à arquibancada, elas estão presentes e se apresentando cada vez em maior quantidade. Não se sentem tão intimidadas de estarem frequentando um espaço dito masculino e buscam desmistificar o paradigma imaginado pelas pessoas com frequência, o qual Costa (2007) faz referência, de que a mulher que demonstre interesse pelo futebol necessariamente deve apresentar traços masculinos e reproduzir uma série de gestos e comportamentos tipicamente atribuídos ao homem. Entre as mulheres que praticam futebol, existe um conflito entre uma feminilidade necessária de ser mantida para que prenda a atenção do público e, ao mesmo tempo, uma aproximação de características associadas ao masculino, em busca de respeito dentro do esporte.

Mesmo assim, as redes de comunicação, responsáveis por comerciais, jornais e programas televisivos, como relembra Costa (2006), exploraram a falta de conhecimento, por parte das mulheres, em relação às regras de futebol no período da Copa do Mundo de 2006. Em busca da legitimação como torcedoras e pertencentes a um determinado clube, continua sendo cobrado dessas mulheres, no mínimo, o entendimento do jogo e as regras que o estabelecem.

A situação ocorrida na década de 80, protagonizada por Pelé, corrobora com a opinião da população num contexto geral que coloca a mulher em situação de inferioridade e de menor competência em relação aos homens. Ao desembarcar no Japão, para participar de um evento, ele foi recebido por uma tradutora. Prontamente a recusou e pediu que fosse imediatamente substituída por um homem. Ao ser questionado pela intérprete sobre as razões para o acontecido, Pelé disse que as mulheres não estavam prontas para falar com propriedade a respeito

de futebol (COSTA, 2007). Nesse caso, observa-se a desvalorização ocorrida em relação à figura feminina, quando o argumento foi fundamentado na diferença de gênero.

Mesmo que elas ainda estejam relacionadas a situações de preconceito desse tipo, o que constitui um contexto desfavorável para a participação das mulheres no futebol, parece que elas vieram para ficar. Isso tem ocorrido em um espaço que hoje já está criado e organizado por mulheres e para mulheres dentro dos clubes de futebol como, por exemplo, o Núcleo de Mulheres Gremistas³ e o Espaço da Mulher Colorada⁴. Essas são ações relacionadas ao futebol que ganham força na sociedade gaúcha, mas que, conforme Noronha (2008, p. 3), referindo-se ao caso do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre⁵, ainda provocam questionamento em relação à “condição de inferioridade da mulher em termos de participação na vida do clube, inclusive no sentido político”.

Apesar da existência desses questionamentos, o Núcleo de Mulheres Gremistas foi fundado em maio de 2004. É um grupo de mulheres que têm como objetivos torcer e acompanhar o Grêmio FBPA, realizar eventos de lazer e de solidariedade em prol da sociedade gaúcha.

Considerando todos os aspectos mencionados anteriormente, e com o objetivo de compreender aspectos dessa realidade, perguntamos: **o que significa ser torcedora para as mulheres pertencentes ao Núcleo de Mulheres Gremistas?** Quais as relações dessas mulheres, no contexto de uma modalidade dita masculina, como o futebol? Como se deu a constituição do Núcleo de Mulheres Gremistas? Quem são essas mulheres? O que as leva a participar e permanecer no grupo? De que forma funciona e é organizado esse grupo?

³ Núcleo de Mulheres Gremistas (NMG) – Fundado em 15 de maio de 2004.

⁴ Espaço da Mulher Colorada – Fundado em 21 de outubro de 2007.

⁵ Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (Grêmio FBPA) – Fundado em 15 de setembro de 1903.

2. METODOLOGIA

De acordo com Brandão (2000 *apud* DUARTE, 2002, p.140), a tão afirmada, mas nem sempre praticada, ‘construção do objeto’ diz respeito, entre outras coisas, “à capacidade de optar pela alternativa metodológica mais adequada à análise daquele objeto”.

Cada tipo de metodologia traz consigo um conjunto de pressupostos sobre a realidade, bem como um instrumental, composto por uma série de conceitos, pelo treinamento do olhar e por técnicas de observação da realidade. A metodologia qualitativa, segundo Leininger (1985 *apud* MARCON & ELSSEN, 2000, p.637), “visa, essencialmente, documentar e interpretar a totalidade do que está sendo estudado em um contexto particular, sob o ponto de vista das pessoas envolvidas”. Para tal, trabalhamos com pequenos grupos de pessoas, de acordo com critérios pré-determinados e com um grande número de questões, buscando identificar, estudar e realizar uma análise objetiva e subjetiva dos dados com o intuito de conhecer a realidade interna e externa, não só sob a visão do pesquisador, mas também sob a dos pesquisados como informantes e coautores dos conhecimentos produzidos.

Devido ao caráter descritivo, os investigadores, muitas vezes, acabam interessando-se mais pela construção do processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Também cabe ao pesquisador estabelecer as estratégias e os procedimentos que lhe permitem captar as informações e experiências relatadas ou vivenciadas no período do estudo, sem que haja desvio do objetivo principal da pesquisa que é o de construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto.

É preciso saber que, ao estar presente no campo de atuação juntamente com os sujeitos investigados, é provável que haja modificações comportamentais pela simples presença do investigador. Para que o efeito sob os pesquisados seja mínimo, como foi de nosso interesse, ao interagirmos, devemos procurar que nossas ações ocorram sem atropelamentos, de forma tranquila e buscando evitar constrangimentos.

O primeiro passo para a efetivação do estudo após a definição do método, foi a necessidade de compor uma caracterização do grupo escolhido com o qual realizamos a intervenção. Esse detalhamento trouxe-nos informações preciosas

acerca da constituição do grupo, do local onde ocorreram os encontros, da faixa etária e do perfil dos membros. As entrevistadas e pertencentes ao Núcleo de Mulheres Gremistas têm 73, 52, 55 e 57 anos respectivamente. Buscamos trazer características diferentes dentre as escolhidas para o enriquecimento desse trabalho, de tal forma, que entrevistamos uma das fundadoras do grupo e membro do Conselho do clube, uma das coordenadoras da gestão 2009 do grupo, uma participante do Núcleo e por último uma candidata a gestão 2010 e membro do Departamento Consular do clube.

Com base nessas informações, foi possível estabelecer com quais técnicas pretendíamos trabalhar. Particularmente, neste estudo, nos utilizamos de duas que derivam do caráter etnográfico de fazer pesquisa, ou seja: a observação direta e as entrevistas semiestruturadas.

A observação direta é um método de coleta de dados e informações detalhadas através do contato direto e constante com os informantes, quando o observador está envolvido em situações específicas do grupo estudado. Utilizamos os diários de campo como instrumento desse trabalho de coleta, registro e detalhamento. De acordo com Bogdan & Biklen (1994), é o relato escrito do que o investigador vê, experiencia, presença, ouve e pensa no desenrolar do processo. Ele pode ser subdividido em três campos de análise que são: o descritivo, o reflexivo e o referencial. Dessa forma, é possível descrever os eventos e acontecimentos, captar e relatar as sensações das situações vivenciadas e fazer uma relação com o material teórico de apoio. Vale ressaltar que outras formas de contato como conversas informais, contatos via telefone ou correio eletrônico, também podem e devem fazer parte das estratégias de investigação, entretanto o sugerido é que a classificação venha a ser como a de material complementar.

Existem diferentes tipos de entrevistas que podem ser utilizadas nas pesquisas. Neste caso, optamos pela entrevista semiestruturada (apêndice 1) por partir de um número variável de perguntas pré-estabelecidas e por ter um roteiro com a possibilidade de serem feitas intervenções e novas perguntas, caso fosse considerado necessário ou interessante que se o fizesse. É importante que se ressalte que cabe ao entrevistador a produção de um bom roteiro, além de boa desenvoltura na hora de conduzir a entrevista. É a virtude de deixar o entrevistado à vontade, a fim de identificar aquilo que realmente é importante, sob o ponto de vista

do sujeito, e de conseguir interpretar e compreender os significados dos depoimentos.

Para que todo esse processo fosse realizado, inicialmente, apresentamos às entrevistadas a proposta dessa pesquisa, colocando-nos à disposição para eventuais dúvidas ou questionamentos. Foi-lhes fornecido um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice 2) para que pudéssemos aplicar as entrevistas, as quais foram gravadas, e posteriormente, transcritas, mantendo-se discrição e sigilo das identidades das participantes.

No caso desta pesquisa, o material constituiu-se de quatro diários de campo, quatro conversas informais e quatro entrevistas obtidas que foram obtidas durante o período de dois meses de contato com o grupo pesquisado. A coleta foi realizada conforme o previsto anteriormente através das técnicas de observação direta e de entrevistas semiestruturadas, coube-nos, posteriormente, o início do processo de análise, investigação e discussão dos resultados obtidos juntamente às integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas.

3. DESCRIÇÃO DO NÚCLEO DE MULHERES GREMISTAS

Em meio à péssima campanha do Grêmio no Campeonato Nacional de 2003, os rumores de uma queda à Segunda Divisão ganhavam forças com as apresentações realizadas dentro das quatro linhas,

2003 foi um ano terrível pro Grêmio em que nós escapamos da Série B praticamente no último jogo [...] Então o que é que aconteceu em 2004, a angústia de 2003 tinha sido muito horrível, só que o alívio de ter escapado parecia que 2004 estava resolvido e não foi. Chegou fevereiro, um caos. (GLÓRIA, 21/10/2009)⁶

Percebia-se que, apesar da situação ser problemática, fora de campo, poucas atitudes de mobilização ou de possíveis soluções surgiam entre os dirigentes e ‘homens do futebol’ da época. Nesse ano, o Grêmio conseguiu nas últimas rodadas do Campeonato escapar da zona de rebaixamento.

O alívio no último instante fez que, equivocadamente, as preocupações desaparecessem e nenhuma solução imediata fosse tomada. De fato, com o início das atividades, notou-se o que até então era óbvio; o drama de 2003 tinha tudo pra se repetir. De acordo com relatos das mulheres torcedoras, a imprensa cobrava, os dirigentes e a torcida também, “era o apocalipse sabe...” (Glória, 21/10/2009). Estava, então, instalada uma situação de tensão nas redondezas da Azenha.

Ao mesmo tempo em um dos setores do Estádio Olímpico, mais precisamente nas arquibancadas da Social, havia algumas mulheres que assistiam às partidas do time do Grêmio sentadas próximas umas das outras e que se sentiam incomodadas com as cobranças, xingamentos e vaias que elas consideravam nada construtivas e que tinham se tornado rotina nos últimos tempos. Então, surgiram algumas conversas e discussões entre essas torcedoras na tentativa de buscar soluções frente àquela situação, afinal, elas eram contra a maneira e a forma com que as manifestações estavam acontecendo. A iniciativa da fundação instantânea do grupo coube à Glória, como podemos perceber a seguir: “olha, vamos fazer o seguinte. Vou fundar um grupo, ao invés de pôr grupo, vamos chamar de NMG, que aí nós vamos ver o que fazer” (21/10/2009).

⁶ Entrevista realizada com *Glória – nome alterado em 21/10/2009.

Com o apoio do Marco Miranda, na época diretor de Patrimônio, e de Ricardo Padilha, diretor do Quadro Social, foi fundado oficialmente no dia 15 de maio de 2004, o NMG. Com o apoio da direção do clube, houve um almoço de divulgação do NMG realizado no até então existente Restaurante Mosqueteiro, localizado dentro do Estádio Olímpico. A criação desse grupo chamou a atenção e foi divulgado pelos meios de comunicação como uma novidade positiva em meio à tormenta e crise pela qual o clube tricolor passava. Glória coloca que desde o seu surgimento “foi um grupo que foi muito bem aceito” (21/10/2009). Muitas mulheres sentiram-se acolhidas e agraciadas com um movimento que surgia exclusivamente para elas.

Esse grupo iniciou suas atividades, com aproximadamente, vinte integrantes. Um grupo que já se conheciam e eram amigas, outras, eram das conversas e da organização realizada na Social e mais algumas do lançamento e divulgação do NMG. O grupo foi tomando forma, estabelecendo seus objetivos e se organizando “com o andar da carruagem” (Claudia)⁷. Todas as integrantes participavam, colaborando e ajudando, visto que era um movimento novo e que, de certa forma, ainda não tinha claramente definido suas intenções e objetivos. Segundo a continuação do relato, mesmo com o surgimento relâmpago do NMG, houve uma preocupação em buscar uma integração a curto prazo das novas cadastradas, por exemplo: “olha, no próximo deixa o email. Já me ligaram pra quando tivessem outros encontros. Já começaram a enviar torpedos, mensagens” (Claudia, 19/10/2009). Tudo era feito com o intuito de mobilizar, conhecer e unificar essas participantes que dariam o ‘rosto’ ao movimento.

Nos dois primeiros anos, estabeleceu-se uma única coordenadora à frente do NMG. Posteriormente, se percebeu que o mais interessante para o enfrentamento do crescimento do grupo seria aumentar o número de pessoas responsáveis pela coordenação. De fato, começaram a ser eleitas em números de três para facilitar a divisão, execução e direcionamento das prioridades e compromissos assumidos pelo grupo. Outro ponto de extrema relevância para entendermos por que e para quê o NMG existe, é vislumbrar os objetivos que unem essas mulheres a um movimento ligado a um clube de futebol. Segundo Noronha (2008, p.1), que também realizou sua pesquisa com as integrantes deste grupo, “caracteriza-se pela

⁷ Entrevista realizada com *Claudia - nome modificado em 19/10/2009.

promoção de diferentes atividades sociais em prol do Grêmio e da sociedade gaúcha em geral. Isto sem contar o apoio ao time nas arquibancadas”.

Como citado acima, é de se acreditar que a escolha da criação de um grupo composto somente por mulheres, ligado a um clube de futebol, não é sem motivo algum ou por pura coincidência. Como podemos ver, “não é que mulher não ia. Mulher ia a campo, mas ela não tinha espaço dentro do clube e nem questionava isso” (GLÓRIA, 21/10/2009). As primeiras movimentações realizadas por mulheres e para as mulheres dentro do Grêmio ocorreram, segundo relatos, com a Dona Dilis⁸, devido a sua iniciativa de organizar algumas caminhadas, chás, etc. Mesmo assim, devemos ressaltar que não foi qualquer mulher que conseguiu realizar essas atividades, ela era, na época, esposa do presidente do clube, ou seja, estava numa posição diferenciada dentro do contexto do futebol. Tanto é que depois do término do mandato, esse espaço criado ficou em aberto até a solidificação do NMG, por meio do qual, aos poucos, deu-se a retomada da participação feminina dentro da instituição Grêmio.

O NMG não é um grupo institucionalizado, ele não tem estatuto e nem regulamento oficial. Os rumos, as decisões e as propostas sempre foram tomadas e aprovadas pelas integrantes presentes por meio de votações democráticas e abertas realizadas nas reuniões. As reuniões ocorrem mensalmente e servem para nortear e definir as atividades do próximo mês. Pelo motivo de o NMG ainda não ter nenhum espaço próprio para se estabelecer, é o único movimento, dentro do Grêmio, que não têm sala e, por essa razão, as reuniões já se realizaram nas arquibancadas do Estádio Olímpico, na casa de uma ou outra integrante, nas escadarias do clube, em restaurantes e, ultimamente, têm ocorrido no Ovelhão⁹. A obtenção da sala é uma das lutas do grupo e foi uma das promessas realizadas pelo atual presidente quando recebeu apoio do NMG na última eleição.

Outro canal de contato muito utilizado é através de e-mails, por meio deles são combinadas muitas das atividades, passeios e encontros. Também existe um site exclusivo das mulheres gremistas, que busca divulgar e mostrar como o movimento funciona, seus fins e objetivos, o que é feito e produzido pelas integrantes. É um canal recente, que realiza um papel intermediário fundamental

⁸ Esposa de um ex-presidente do Grêmio FBPA.

⁹ Ovelhão – Espaço localizado dentro do Estádio Olímpico usado para reuniões, festas e encontros.

entre o grupo e as possíveis novas integrantes: o primeiro contato e o cadastro. De acordo com a Claudia, pelo fato de realizar a alimentação do site, ela acaba entrando em contato com as interessadas e, dessa forma, cria “uma amizade bem grande com o pessoal que entra no Núcleo” (19/10/2009).

A quantidade de integrantes varia de acordo com o momento em que o clube está. O fato é que nunca diminuiu das vinte integrantes iniciais, mesmo que hoje não sejam necessariamente as mesmas. O grupo tem entre sessenta e oitenta participantes ativas no momento. Em períodos ruins, sofre decréscimo e, em meses de Libertadores, aumenta consideravelmente, mas o mais importante é o reconhecimento e a visibilidade que o NMG vem estabelecendo e sedimentando com o trabalho a que se propõe. Tanto é que saiu uma reportagem na Revista Placar¹⁰ citada por Janir¹¹ “sim. Que saiu quando nós fomos para Pelotas” acerca do pioneirismo de um grupo de mulheres ligadas ao futebol e que traz o lema “com o Grêmio, como o Grêmio estiver”, ou seja, é uma das preocupações das integrantes o cuidado com a imagem criada pelo NMG, como reforça Claudia: “o Núcleo é pioneiro no Brasil. O Grêmio é maior, o Núcleo é maior, a gente quer solidificar o Núcleo” (19/10/2009). No decorrer desses cinco anos de existência do grupo, outras reportagens e manchetes foram realizadas por revistas e jornais especializados, entrevistas e participações em programas de rádio e televisão também acontecem e tudo o que faz referência ao NMG é registrado. Juntamente com todas as atividades e envolvimento a que elas se propõem, estes materiais são organizados e dão forma aos álbuns do Núcleo. Todos os registros de participação ou divulgação aparecem ali, por exemplo, jantares, campanhas solidárias, excursões para jogos no interior do Estado, aniversário, reunião mensal, matéria no jornal, atletas¹² do NMG que obtiveram bons resultados, novos produtos, etc. Esses álbuns contam a trajetória vivenciada pelo grupo até o momento, através de recortes, fotos e documentos.

De acordo com Glória, uma das fundadoras, “eu nunca quis fazer uma coisa segmentada. Eu queria que agradasse à todas as mulheres” (21/10/2009), tanto é

¹⁰ Reportagem da Revista Placar, fevereiro de 2005, pág.13. Pode ser visto no apêndice nº 3.

¹¹ Entrevista realizada com *Janir – nome modificado em 19/10/2009.

¹² O NMG possui duas integrantes que são atletas de meia maratona. Elas recebem uma ajuda de custo e correm representando o grupo.

que a faixa etária do NMG abrange participantes com vinte, vinte e cinco anos até participantes com idade próxima dos oitenta anos. Como já dissemos anteriormente, o NMG não recebe nenhum apoio financeiro do clube e, por tal motivo, desde o início ficou sugerido e combinado verbalmente que as integrantes que pudessem, pagariam uma quantia simbólica mensalmente para que, com o dinheiro, arrecadado fosse possível pagar os gastos, mandar fazer algumas camisetas, manter a atualização do site, etc.

Além de serem torcedoras e de se envolverem nas atividades de futebol do Grêmio, as integrantes do NMG se dedicam com afinco às campanhas e eventos solidários que se propõem a ajudar ou até mesmo a organizar. Segundo relato realizado durante a entrevista de Janir, quando ocorrem eventos ou campanhas, “eu participo” (19/10/2009). Claudete¹³ complementa dizendo que se é para “participar de eventos de qualquer atividades nós estamos sempre prontas à ajudar. Seja pra arrecadar brinquedos, nós fazemos outras atividades de cunho social” (26/10/2009). Relatamos aqui um dos momentos da última reunião em que uma das integrantes agradece às demais:

Agradeço as dezoito mulheres gremistas que estiveram presentes na Campanha com as Escolas no jogo entre Grêmio x Coritiba, no dia 18 de outubro. Vocês foram fundamentais para que tudo desse certo. Cada uma responsável pela sua Escola. Guerreiras e amigas para ajudar e fazer com que as coisas acontecessem... (CLAUDETE, 05/11/2009)¹⁴

É perceptível que o envolvimento e a parceria entre as membros do grupo originaram-se por elas possuírem os mesmos ideais e estarem de acordo com as propostas do grande grupo. Essa participação também é vista nas organizações e idas aos jantares, às festas, aos chás, as viagens que surgem ou para as quais são convidadas.

Com o crescimento e a expansão do grupo, foram citadas possíveis melhorias para a próxima gestão colocar em prática, como expõem as entrevistadas Claudia “nós vamos fazer umas regras, por escrito” (19/10/2009) e Glória “nós temos que começar a organizar como movimento. Porque agora seguido está dando conflito em

¹³ Entrevista realizada com *Claudete – nome modificado em 26/10/2009.

¹⁴ Diário de Campo Nº 4, realizado 05/11/2009 – Reunião Mensal de Novembro/2009.

reuniões porque nós não temos regras” (21/10/2009). Conforme o movimento cresce, surgem/aparecem em maior quantidade opiniões divergentes e intenções diferentes. Exatamente pelo fato do NMG ter sido criado ‘do nada’ alguns detalhes importantes foram esquecidos como, por exemplo: as regras e as normas de convivência que todo grupo deve possuir. Realmente, possíveis conflitos seriam resolvidos com a existência dessas duas resoluções, de tal forma, que se pouparia tempo, esforços e desgastes desnecessários dentro do próprio grupo.

A partir do que vem sendo descrito, é possível enxergarmos que existem três pilares que norteiam a existência do Núcleo: o amor incondicional pelo Grêmio; as atividades de lazer e as relações sociais de convívio e amizade e, por último, as campanhas e eventos solidários. Glória traz uma afirmação impactante e que resume, ao nosso olhar, a grandeza que o Grêmio tem na vida de algumas das integrantes do Núcleo: “eu quero servir o Grêmio. Devolver pro Grêmio tudo aquilo que ele foi importante na minha vida” (21/10/2009). Daremos mais forma à discussão um pouco mais adiante. Por hora, nos apoiando nos materiais oficiais fornecidos pelo próprio grupo e pelos divulgados na mídia, nas observações diretas feitas nos encontros variados do grupo e com os dados das entrevistas semiestruturadas, pretendemos formular algumas considerações que, sob a nossa perspectiva, sejam relevantes para a pesquisa a que nos propusemos.

4. TORCER: FUTEBOL E PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO

O futebol talvez seja uma das poucas unanimidades entre os brasileiros. A mídia e a imprensa muitas vezes relacionaram o futebol, o amor pela Seleção e os produtos com *slogans*, propagandas e imagens que remetem ao futebol o status de paixão nacional, por exemplo: “Sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor...!”. Essa modalidade esportiva está relacionada diretamente e intimamente em contato com a vida das pessoas nas atividades de lazer, nos momentos de sociabilidade e até na construção da nossa própria identidade.

As mulheres sempre estiveram presentes em meio ao universo masculino do futebol. Entretanto, elas não tinham espaço e também não questionavam. Cabia a elas um papel secundário e complementar, com raras exceções. Diaféria (1968 *apud* COSTA, 2006, p.5) apresenta uma dessas torcedoras símbolo, Elisa, que usava um *slogan* pessoal: “Eu não faço desordem, tenho um nome a zelar. Eu sou Elisa, meu senhor”. Outra figura pública e respeitada foi Dulce Rosalina que, em 1961, ganhou o concurso de melhor torcedora do país. Aos poucos, podemos perceber a mulher torcedora ocupando espaço e configurando a sua identidade. Essas mesmas mulheres que tinha funções acessórias, hoje estão presentes desde os setores dos estádios até as comunidades virtuais da internet (COSTA, 2006).

Outras torcedoras como as participantes do NMG, que buscam o reconhecimento como torcedoras ‘verdadeiras’ enfrentam problemas na manutenção da imagem e da identidade feminina dentro do futebol. Conforme Costa (2007) por uma boa parte do público feminino não estar interessada em saber o significado de uma ação dentro do campo ou de saber a posição que o seu time ocupa na tabela, surgem obstáculos, para as que gostam e apreciam, tendo elas que justificar que também conhecem o seu funcionamento e entendem do jogo. De acordo com o ponto de vista de Guedes (1982 *apud* DAMO, 2002, p.35), “gostar de futebol pressupõem ‘entender de futebol’, o que só é conseguido através da prática do jogo”. O que notamos é que a paixão clubística desafia e se afasta dessa afirmação. É possível encontrarmos muitos homens e mulheres que não praticam o esporte, todavia acompanham e vivenciam o futebol talvez até mais do que os próprios praticantes. As mulheres pertencentes ao grupo que entrevistamos não são

praticantes, nunca o foram e não têm interesse em sê-lo, apesar de serem torcedoras fiéis e presentes.

O desafio de fazer uma escolha, seja ela qual for, faz com que sintamos tensões e excitações do tipo agradáveis ou não (Elias & Dunning, 1992). Quando esse processo de convencimento acontece no momento da decisão de pertencer a um clube ou outro, normalmente o 'sim', de acordo com Damo (2001, p.87), é "ritualizado por ocasião de um presente, de um autógrafo e da ida ao estádio". Esse cerimonial de iniciação do torcedor na escolha de um time de futebol geralmente é realizado na infância e pelos amigos e parentes com laços de sociabilidade mais próximos. Um dos aspectos mais importantes dessa opção, de acordo com Damo (2002, p.12), é que "uma vez realizada, não pode ser alterada. Sendo assim, o clube do coração deixa de ser uma escolha momentânea, cabendo ao torcedor o ônus da opção". Na vida da Janir, a opção pelo Grêmio aconteceu na infância, quando veio morar em Porto Alegre "com dezenove para vinte anos, eu comecei a ser gremista de verdade. Comecei a ir a campo e vejo jogo. Adoro futebol" (19/10/2009). Claudia relembra que, por volta dos seus oito ou nove anos, seu pai começou a lhe dizer "vamos, vamos junto com o pai" (19/10/2009) referenciando as idas ao estádio. Outra integrante do NMG expõe uma história interessante sobre a sua ligação com o Grêmio,

Eu sempre acreditei até dois anos atrás que o meu envolvimento começou quando eu tinha nove ou dez anos que eu fui a campo com o meu avô. Mas há dois anos atrás... [minha mãe achou] uma foto onde estava visitando as obras do Estádio Olímpico e grávida de mim (GLÓRIA, 21/10/2009)

Em certos casos no âmbito familiar, como descreve Damo (2002), durante três ou quatro gerações se persiste na fidelidade a um único clube. Glória complementa "na minha família tem uma característica. Pessoas de família próxima, mãe, irmãos, filhos, sobrinhos, netos, família bem próxima, todos gremistas graças a Deus" (21/10/2009). Em uma situação familiar inversa, Claudete, casou-se com um colorado e, grávida do primeiro filho, pediu ao marido que a levasse ao jogo. Um tempo depois ela quis que ele a acompanhasse novamente e ouviu: "não, eu não vou te levar. Tu não nasceu grudada comigo". Ela pensou "realmente eu não nasci

grudada contigo” (26/10/2009). A partir desse momento, ela se associou e começou a ir a todos os jogos realizados no Estádio Olímpico sozinha.

Sobre a iniciação no futebol e a escolha do time fazemos referência às observações realizadas nas entrevistas: todas as entrevistadas foram trazidas por membros homens da família ou próximos dela, nas suas respectivas estréias nos estádios e, hoje, todas como boas pertencentes e apaixonadas, são sócias patrimoniais do Grêmio FBPA. O que nos leva a crer que essa aproximação com o futebol por parte das mulheres é recorrente de incentivos vindos de homens, sejam eles pais, tios, irmãos, primos, namorados e até amigos, que por diversos motivos e justificativas trazem elas para dentro de um esporte que faz parte da vida deles. Ao sentirem-se pertencentes a uma instituição, no caso, um clube de futebol, buscam preservar as situações de lazer e as relações de convívio e amizade que são ali despertadas. Ao estarem inseridas dentro desse espaço, elas começam a apropriar-se e a criar vínculos com o esporte e, nem por isso devemos entender que elas estão buscando ocupar os espaços reservados aos homens. É mais provável que elas estejam procurando estabelecer o seu próprio lugar dentro da modalidade, afinal o processo de inserção, convencimento e definição da escolha de um clube ocorre da mesma forma entre homens e mulheres, sem distinções.

Torcer significa, de acordo com Damo (2002), pertencer a esse clube, ser leal a ele quando o time está bem e quando não está. Acompanhá-lo sempre, afinal é o seu time de coração. No mesmo espírito, Janir coloca “eu sou do Grêmio. Não quero saber se ele está na primeira, na segunda, na terceira divisão. Eu sou gremista. Adoro futebol” (19/10/2009). Como torcedora assídua do time do Grêmio há vinte e seis anos e que já presenciou momentos felizes e outros nem tanto por causa dos resultados, Claudete define que “ser uma torcedora significa acompanhar e amar o seu time independente da posição que ele está. Só isso. É um amor incondicional. Ele está acima de tudo” (26/10/2009). Costa (2006) faz referência a essas mulheres que também estão próximas do futebol por sentirem prazer ao ir a campo ou assistir uma partida, além de serem apaixonadas pelo seu time de coração.

No caso das integrantes do NMG, durante a nossa presença com elas, conseguimos perceber a paixão delas pelo Grêmio, que é fora do comum. Demonstrações de amor e orgulho fazem parte da rotina. Sempre de azul, sempre com algum acessório do Grêmio e do Núcleo também. O Núcleo possui camisetas,

canetas, chaveiros, chapéus, por exemplo, com a própria marca¹⁵. Literalmente gremistas. Segundo Damo (2002), o “ser gremista”, tomado isoladamente, pouco tem a dizer. A paixão pelo Grêmio implica também a aversão ao Internacional, o que, de fato, é observado por um comentário em uma das conversas informais que tivemos:

Carolina - Tu não tens nada vermelho?
Glória - Nada. Na minha casa só entram três coisas vermelhas:
Campari, tomates e ketchup. (21/10/2009)

Outra situação de extremismo aconteceu em um momento, onde, em meio a brincadeiras surgiu a situação de não usar nenhuma peça de roupa vermelha. Olívia¹⁶ afirmou que não tinha nada na cor vermelha. Ela nos convidou para ver o seu guarda-roupa e a nossa surpresa quando ela abriu foi: “roupas de todos os tipos e situações, mas somente nas cores azul, preto, branco e cinza” (19/10/2009). O que, sob a nossa percepção, pareceu-nos um pouco de exagero; para ela, tivemos a impressão de que fazia parte de uma situação normal e até mesmo da qual ela se orgulha, pois indiretamente está associado ao pertencimento clubístico com a aversão ao rival.

Os setores responsáveis pela publicidade e marketing dos clubes de futebol começaram a perceber que a presença das mulheres nos estádios e como torcedoras abria uma nova e interessante fatia do mercado consumidor. As empresas começaram a direcionar e focalizar-se no público feminino que não decepcionou. De acordo com números do IPST¹⁷, em alguns clubes, a presença das mulheres chega a ser quase metade das torcidas, como por exemplo: Corinthians (49%), Vasco (47,5%), Flamengo (47%), São Paulo (39%), Fluminense (34%), Botafogo (33,5%), Palmeiras (30%) e Santos (24%). Essa ‘febre’ de produtos femininos espalhou-se por diversos clubes e vários são os modelos de camisas de times, Seleções e torcidas organizadas com versões mais apropriadas para o corpo delas. “Outros acessórios como bolsas, brincos, pulseiras, relógios, anéis e até

¹⁵ O Núcleo de Mulheres Gremistas possui diversos produtos com a sua própria marca. O logo oficial pode ser visto no apêndice nº 4.

¹⁶ Conversa informal ocorrida ao fim das entrevistas de Janir e Cláudia que foram realizadas em sua residência em 19/10/2009. *Olívia – nome modificado.

¹⁷ Instituto de Pesquisa Sport Track – IPST – Dados de 2008.

roupas íntimas, com estampas do escudo de um time de futebol, podem ser facilmente encontrados” Costa (2006, p.1). Citamos o exemplo de uma das participantes do grupo, quando questionada se costuma consumir produtos com a marca do Grêmio:

Anel, brinco, pingente. Tudo. Camiseta, tênis. Tenho tudo. Chinelo, toalha. Só roupa não. Sim, a camiseta. Camiseta eu tenho bastante. Uso. Está aqui [a entrevistada mostra a camiseta do grêmio que está usando]. (JANIR, 19/10/2009)

Consumidoras ativas e assumidas, elas também querem se livrar do rótulo de que mulher não entende e não tem opinião formada em relação ao futebol, como ainda se ouve. De acordo com um estudo encomendado pela TV Globo juntamente ao IBOPE¹⁸ acerca da expansão e crescimento das mulheres dentro do futebol, o que se revela é que a participação das mulheres no futebol vem aumentando a cada ano. “E hoje elas são peças importantes nas finanças do esporte no país”. Dados conferem veracidade a tal afirmação, “a audiência feminina passou de 37% na temporada 2007, para 45% [em 2008]. Além disso, na Copa do Mundo de 2006, elas ultrapassaram os homens com 52% do total [do público expectador]”. Em nível internacional, a movimentação feminina também ocorre, conforme registro:

Ao tomar conhecimento de que na Inglaterra, por exemplo, uma pesquisa recente mostrou que as mulheres formam 37% da audiência do famoso programa esportivo “Match of the Day” da BBC de Londres (RODRIGUES, 1993 *apud* COSTA, 2007, p.24).

No próprio grupo em que foi feita esta pesquisa, é percebido o empenho e o tempo que as mulheres vêm dedicando ao futebol. É possível que elas também sintam as mesmas tensões agradáveis e prazerosas que sempre contagiaram a ala masculina (Elias e Dunning, 1992). Trazemos trechos das entrevistas com as informações contidas nas pesquisas:

Em casa, pela tv. Mas senão eu vou a campo. [...] Nós vimos pela *pay-per-view*. Nós ficamos vendo. E aí eu vi... A TVCOM que dá, das nove às onze da noite. Mas é uma hora. E tinha... Eu vi tudo. As

¹⁸ IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

críticas, tudo. Eu fiquei vendo. A vó não. A vó já não vê para não se irritar. Eu não. Eu escuto o rádio, tudo. Jornal. (JANIR, 19/10/2009)

Sim. Indo ao Estádio, os comentários, programas esportivos, rádio, televisão além do meu trabalho que eu faço de assinar Correio do Povo, Zero Hora e não sei mais o quê só pra recortar [riso] o que sai do meu time. (CLAUDETE, 26/10/2009)

De acordo com o que pode ser percebido, no caso do grupo de torcedoras gremistas, o futebol agrega as mulheres como sempre aconteceu com os homens, por prazer, por relações de sociabilidade e por lazer, gerando inúmeras sensações e tensões.

Esse processo de abertura de espaço, de conquista de respeito e da legitimação de uma identidade para as torcedoras, foi repleto de obstáculos, em que muitas vezes, reações exaltadas, xingamentos, piadinhas e apelidos foram dirigidos a essas mulheres. Decididas e com um propósito definido, um bom número de mulheres resistiram e, hoje, em muitos casos, como mães e torcedoras fanáticas são cada vez mais responsáveis e participantes nos processos de escolha e iniciação dos membros mais jovens da família na paixão pelo futebol, dividindo e em alguns casos, até assumindo o ônus desta função (COSTA, 2007).

Sendo assim, os espaços hoje ocupados e a paixão por futebol que uma parcela dessas mulheres torcedoras vivenciam, tem como coautores, homens, que mostraram e dividiram as emoções, os prazeres e as tensões propiciadas pelo envolvimento com o futebol.

5. TORCER: LAZER, CONVÍVIO E AMIZADE

Assim como o ato de torcer pelo time, a categoria lazer, convívio e amizade apareceu conferindo sentido às atividades realizadas e desenvolvidas pelas integrantes do NMG. Dessa forma, o objetivo foi capturar a variabilidade de atividades e tarefas propostas e desenvolvidas como também dialogar as definições de lazer, sociabilidade e amizade trazidas por essas mulheres com os conceitos definidos pelos autores.

Inicialmente, devemos ter cuidado para não confundir o significado do lazer com o do tempo livre. O lazer é pertencente a uma subdivisão do tempo livre. Podemos considerá-lo um conjunto de atividades que o indivíduo realiza fora do contexto de trabalho e das demais obrigações, voltando-se exclusivamente para a sua satisfação e vontade pessoal. Dumazedier (1973 *apud* STIGGER, 2002) nos faz levar em consideração a inexatidão da definição do lazer simplesmente opondo-a ao que seria o trabalho profissional. Ressalta que outras atividades, de certa forma desenvolvidas durante o tempo livre, podem não ser prazerosas e necessitam de tempo dedicado como, por exemplo: obrigações familiares, atividades religiosas, trabalho voluntário. Ele vai mais adiante ao expor que há certa dificuldade de classificar e caracterizar algumas atividades devido à possibilidade de ser encaixada ora parcialmente obrigatórias, ora, em parte, facultativas, que acabam recebendo a denominação de “semilazeres”.

Traçando um caminho semelhante, de acordo com Elias & Dunning (1992), as decisões humanas se entrelaçam de tal maneira que, para um leigo, torna-se difícil decifrar e determinar o que pertence a cada parte. Em meio a essas possibilidades de fusões, sobreposições e confusões, trazemos a tipologia usada para definir as atividades de tempo livre apoiada no funcionamento das cores: espectro do tempo livre. Antes de expormos as classificações, nos propomos a diferenciar algumas terminologias para que, após o esclarecimento, não surjam mais questões duvidosas. O lazer é diferente do trabalho e também do tempo livre. Em situação de trabalho, os outros têm prioridade em relação aos próprios interesses. Em situações de lazer, a inversão acontece e o referencial principal é o próprio. Quando a relação é entre lazer e tempo livre ou atividades de não lazer, a premissa é a mesma do trabalho.

Realizadas as intervenções, retornamos para as caracterizações e classificações do espectro do tempo livre. Elias & Dunning (1992) lembram que o lazer está estruturado para proporcionar excitações agradáveis e dessas cinco esferas existentes somente duas se enquadrariam na realidade e necessidades das mulheres gremistas. As que estão direcionadas ao lazer são: a sociabilidade e as atividades miméticas¹⁹ ou jogo. Na primeira classificação, podemos exemplificar através do que Janir diz: “eu participo assim quando tem, por exemplo... Reunião, chá. Um evento” (19/10/2009). E das atividades fora do contexto criado pelo NMG como Claudia cita “Tudo no boteco perto do Olímpico” (19/10/2009), todos esses momentos de sociabilidade estão vinculados diretamente ou não ao motivo central de convívio dessas participantes que é o grupo. Já no caso das atividades miméticas, o exemplo mais fácil, previsível e racional dentro da lógica desse grupo seria acompanhar o Grêmio como a Claudete resume bem em um trecho de sua entrevista “Nós vamos a jogos!” (26/10/2009) o que conhecendo essas mulheres seria um pouco óbvio, afinal, todas as entrevistadas são sócias patrimoniais do clube há, no mínimo, dez anos; o próprio Núcleo surgiu dentro do Estádio Olímpico em um dos piores momentos do clube. Cabe uma relação direta com a excitação-jogo, que é uma excitação agradável procurada voluntariamente e que, em algumas situações, temos que pagar para experimentá-la, por exemplo: pagar para assistir a um jogo de futebol no estádio.

O NMG é um grupo formado exclusivamente por mulheres de todas as idades, graus de instrução, classes sociais, estilos de vida, etc. Esses dados relativos às integrantes do grupo são importantes para a caracterização do grupo. O NMG é sustentado pela lógica da sociabilidade, descrita por Simmel (1983 *apud* STIGGER, 2002), como uma relação destituída de interesses e sustentada pelo prazer e pela convivência com os demais integrantes. E é com esse formato que o movimento se mantém. De acordo com Cláudia “é pra ti chegar, hoje tem reunião do Núcleo, que maravilha, que coisa boa” (19/10/2009). Essa demonstração de alegria e de expectativa pelos encontros e reuniões do grupo nos faz crer que é porque tais momentos despertam sentimentos agradáveis. E não é só essa integrante que relata o quanto ela gosta de estar na presença dessas mulheres, Glória diz que “ele

¹⁹ De acordo com Elias & Dunning (1992), as atividades miméticas ou jogo são considerados como atividades de lazer vinculado a variados graus de prazer e de satisfação. Os fatos miméticos estão em uma escala que varia do prazer ótimo até o fracasso.

funciona como uma família. Com dificuldades em alguns momentos. Com atritos em alguns momentos que aí claro não te dá prazer, mas com muito prazer, que é a parte boa” (21/10/2009).

A presença das mulheres nos encontros do NMG ocorre pelos sentimentos de prazer proporcionados e pela sociabilidade de mulheres com a mesma paixão clubística, fazendo com que os momentos de desacordo citados acima nos pareçam pequenos ou irrelevantes, frente a tamanho bem-estar de ser parte do todo. Claudete vai mais além e complementa dizendo que participar do Núcleo “está fazendo parte da minha vida como mulher gremista, mulher que ama um time de futebol e que respeita as integrantes desse grupo” (26/10/2009).

Todas as afirmativas trazidas pelas integrantes comprovam que elas encontram, participando do grupo, “uma tensão diferente daquela que ocorre no trabalho, ou seja, uma tensão agradável” de acordo com Elias & Dunning (1992 *apud* STIGGER, 2002, p.228).

Nas reuniões, eventos e encontros que estivemos presente, observamos a mobilização e a organização de integrantes para a realização de atividades como viagens, passeios, jantas, almoços, idas ao boteco, comemorações de aniversários, chás, etc. De acordo com o entendimento que elas fazem do lazer, essas atividades seriam consideradas como pertencentes a essa categoria conforme observamos a seguir:

Sim. Ainda mais quando a gente vai para fora, acompanha o Grêmio. Eu já fui até a Montevideú, fui a São Paulo, fui no Morumbi. (JANIR, 19/10/2009)

É um lazer. [...] No período das férias do Grêmio, teve uma que me ligou, “Sandra, vai ter um treino lá em Ivoti e eu estou louca de saudades do Grêmio, vamos?” [riso]”Vamos”. (CLAUDIA, 19/10/2009)

Esses depoimentos vão de encontro a algumas hipóteses contidas em vários textos sociológicos, os quais indicam que o lazer tem a função de “relaxação das tensões” ou “recuperação da fadiga do trabalho”, fazendo com que a idéia de tensão se torne negativa. Essa idéia é contrária ao que encontramos no grupo, e a melhor forma de entendê-la seria a partir do que é defendido por Elias & Dunning (1992). Segundo esses autores, nos momentos de lazer as pessoas não buscam relaxar,

mas sim encontra excitações agradáveis, afinal, se a intenção fosse de descansar, seria melhor dormir ao invés de ir a uma peça de teatro ou a uma partida de futebol que nos propicia tensões, excitações e prazeres agradáveis. É exatamente o que as integrantes do NMG procuram realizar sempre que possível, em atividades que reúnam tensão agradável, divertimento e que tenha a existência de alguma novidade ou a possibilidade de algo diferente acontecer.

O NMG possui álbuns elaborados e atualizados desde o momento da fundação, onde, como já relatado anteriormente, estão registradas todas as participações e realizações do grupo no âmbito do lazer e do trabalho a que elas se propõem. São registros das campanhas e eventos, documentos oficiais, algumas atas, muitas fotos e registros das atividades sociais, etc. Ressaltamos como um dos momentos importantes do NMG as viagens que, em meio às conversas informais, nos bate-papos, nas próprias entrevistas e reuniões em que estivemos presentes com o grupo, nos deixaram surpresos com tamanha organização e envolvimento das integrantes.

Excursões ao interior - de van, para acompanhar o Grêmio -, ida à Bahia por convite da Consulesa, treino em Ivoti, viagem marcada para o jogo contra o Flamengo no Rio de Janeiro, acompanhando o Grêmio nos jogos da Libertadores fora do país, jantar em Camaquã, essas e inúmeras outras programações fazem que as integrantes interajam ainda mais e vivenciem juntas acontecimentos que as façam mais que parceiras e colegas de grupo. Claudia descreve em sua entrevista que o NMG viaja muito:

Vai pro Chile, fomos agora pra Bahia, eu não fui, mas foi um grupo muito grande. [...] Foi maravilhoso, o pessoal depois me mandavam as fotos e eu aqui fiquei babando claro, na praia, tomando água de côco... (21/10/2009)

Claudete, outra integrante conta empolgadamente e com orgulho que elas acompanham o Grêmio nos jogos, por exemplo: “Gauchão, principalmente, nós vamos a todos. Agora sem ser nessa última Libertadores, na outra, eu estive no Paraguai, na Bombonera²⁰, eu já fui a diversos jogos. Rio de Janeiro, São Paulo, na Bahia, as loucuras.[riso]” (26/10/2009).

²⁰ O Estádio La Bombonera, pertence ao Club Atlético Boca Juniors. Localizado na cidade de Buenos Aires na Argentina.

Embora tudo, a partir de um olhar menos aprofundado, pareça recheado de divertimento como um fim em si mesmo, devemos ter cuidado para não nos confundirmos com os significados de tempo livre e lazer. “O lazer é uma parte integrante do tempo livre, onde se pode realizar atividades fora do contexto do trabalho e voltado para a sua satisfação pessoal” conforme reforça Stigger (2002, p. 233). Claudete, uma das únicas entrevistadas que não afirmou que participar do NMG era um momento de lazer, nos revela o que pensa:

Em tese até pode ser um momento de lazer. [...] Tu tens que ser responsável pra participar até porque nós temos reuniões uma vez por mês, que tem que fazer parte dessas reuniões, votar as decisões que são tomadas. [...] O nosso compromisso é mantermos as nossas reuniões, não deixar esse movimento cair em nenhum momento (26/10/2009)

Aqui podemos nos apoiar nas conclusões do estudo sobre torcidas organizadas de futebol realizado por Toledo (1996 *apud* STIGGER, 2002, p.235) que diz “mesmo que a participação numa destas organizações esteja vinculada à satisfação pessoal e ao divertimento, ela também implica dispêndio e adesão a projetos coletivos para a sua realização” que é exatamente o que Claudete ressalta sobre o Núcleo. Ele é um movimento que têm um funcionamento pré-determinado, onde as integrantes têm suas funções e compromissos. Ele exige responsabilidades e envolvimento mesmo que não faça parte da formalidade do trabalho.

Partimos do pressuposto, de que o lazer está ligado à excitação agradável de realizar alguma coisa para nós mesmos e ao prazer de estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles. Para Elias & Dunning (1992, p.178), é possível visualizar três “elementos de lazer que sempre estão presentes nas propostas de lazer tais como: sociabilidade, mobilidade e imaginação”. É possível sentir-se bem diante da excitação gerada por um desafiante e equilibrado Grenal ou pela recompensa de muito esforço e trabalho após uma arrecadação de brinquedos, por exemplo. Entretanto, um dos questionamentos cabíveis refere-se em relação ao saber dar o verdadeiro valor que merece uma satisfação ou vitória, sem ter sentido e percebido o tamanho de uma derrota ou fracasso.

Outra manifestação relevante surge do envolvimento das integrantes com o NMG, proporcionando, assim, a ocupação de um espaço muito importante na vida

delas. Elas produzem e contribuem para o Grêmio e para a sociedade gaúcha ao mesmo tempo em que recebem o retorno por meio de companhia, divertimento, parceria, momentos agradáveis e até relações de amizades. Como já citado anteriormente, o grupo foi fundado em um setor do Estádio Olímpico por mulheres que estavam descontentes com a forma que o clube vinha sendo administrado, tratado e valorizado. Segundo Glória, “tu acaba conhecendo as pessoas. Mesmo tu não convivendo socialmente, mas são teus amigos de jogo” (21/10/2009). O NMG absorveu algumas mulheres nesta situação e outras de maneiras distintas, assim como descreve Janir: “antes a gente já ia a futebol no Grêmio. Sempre, mas com a turminha. A gente tem umas primas, umas amigas” (19/10/2009). Foi dado o *start* inicial da constituição do grupo.

Em um primeiro momento de existência, o NMG não tinha seus objetivos e seus interesses definidos. Foi, de acordo com a fundadora Glória, algo que “começou dessa forma meio intuitiva” (21/10/2009). Inicialmente, o passo mais importante foram os esforços de divulgação e captação de novas participantes. Claudia foi uma das que viu o anúncio do almoço de lançamento do NMG e disse: “é uma oportunidade” (19/10/2009). Estabelecida a forma de funcionamento e as intenções do grupo, a partir do segundo ano, de acordo com relatos, houve maior integração, o grupo começou a aumentar, havia troca de telefones, e-mails e endereços entre as participantes. Os encontros começaram a extrapolar as reuniões do NMG e o espaço do Estádio Olímpico, o que, segundo Rigo (2007 *apud* SILVEIRA, 2008), os torna apropriados para encontros e aproximação das pessoas. Aqui, podemos visualizar o compartilhamento de momentos de sociabilidade entre as colegas de mesma atividade, tais como: tomar um choppinho, ir aos jogos, aniversários. Claudia complementa que dessa forma o grupo começou a criar “um vínculo de amizade” (19/10/2009). Ressaltamos trechos de entrevistas que, em nossa opinião, são relevantes para se aproximar e aprofundar a importância e as coisas boas de pertencer a este grupo:

Nossa, é tudo. Eu não sei explicar. Mas é uma alegria. É tão bom, porque a gente se dá. Tu convive com um monte de gente diferente também. É muito gostoso. [...] A convivência com as outras mulheres é muito legal, porque a gente se envolve muito. (JANIR, 19/10/2009)

Amizade. Amizade assim de... Solidariedade. Confiança. Que são coisas que tu não acha por aí. São coisas que te preenchem e

companhia por que umas fazem companhias pras outras. (GLÓRIA, 21/10/2009)

As observações feitas acerca dessas mulheres se aproximam do proposto por Silveira (2008) de levarmos em conta as relações sociais que acontecem no cotidiano das pessoas e a forma como elas vivenciam para considerarmos o conceito da amizade. Foi possível perceber nos encontros e eventos que existem relações de sociabilidade de diversos graus entre as integrantes do grupo, como em qualquer outro. Para Janir, existe “parceria. Sim, a gente se dá super bem, as mulheres, o Núcleo, todos. Conversa, a gente reúne” (19/10/2009). Isso falando do NMG como um todo. Por exemplo, ela tem uma relação de amizade com outra integrante há exatamente cinquenta e quatro anos e que envolve o pertencimento familiar mesmo sem relações cossanguíneas. Outra situação que se aproxima da lógica familiar é descrita por Claudia, referente ao abandono do marido,

A minha terapia foi o Grupo das Mulheres Gremistas. Que me ajudaram, que me acolheram, não me deixaram ficar chorando pelos cantos, eu não ficava em casa, eu só ia em casa pra dormir [...] Então elas foram as minhas psicólogas, as minhas mães, minhas irmãs, tudo, tudo pra mim. (19/10/2009)

Esses fatos verídicos as distanciam da teoria de Bauman (2004 *apud* SILVEIRA, 2008), onde “a relação de bolso” surge para afirmar que existe fragilidade dos laços humanos. De acordo com ele, o modo de nos relacionarmos, atualmente, não condiz com relações sólidas e duráveis, o que é contrariado pelas experiências de vida dessas mulheres.

Finalizamos fazendo referência à dedicação de uma das mulheres gremistas que no fundo de sua casa, há aproximadamente dez anos, iniciou a recolha e recorte de notícias e matérias publicadas nos jornais e revistas, aos quais agregou a fotos, camisetas, autógrafos e etc. Aos poucos, Claudete, foi dando forma a um projeto pessoal que denomina “um *hobby*. Eu tenho quase um mini museu na minha casa. Só pôster eu tenho mais de três mil que eu monto”. De fato, é uma atividade interessante, diferente e que cumpre o papel de elo entre o Grêmio e seu lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por realizar essa pesquisa, tendo o Núcleo de Mulheres Gremistas, como objeto de estudo foi sentenciado e definido por ser um grupo composto, exclusivamente, por integrantes mulheres e ligado a um clube de futebol. Essas informações chamaram-nos a atenção por esse movimento estar relacionado a um espaço que hoje ainda é considerado predominante das práticas e vivências masculinas.

O que de fato foi motivo de surpresa, foi a dimensão do engajamento, da dedicação e da participação dessas mulheres dentro das ações e atividades propostas pelo próprio grupo, mas também pelo envolvimento pessoal delas como torcedoras pertencentes a um clube, no caso o Grêmio FBPA, e por tamanho gosto pelo futebol que, por meio de diversos relatos, fatos e trechos de entrevistas nos fizeram perceber o quanto essa paixão ultrapassa limites e fronteiras.

Após definida a forma que seria realizada a intervenção metodológica, no caso deste estudo, o material empírico foi obtido através das informações coletadas via observação direta capturadas nos variados encontros e da opção por realizar entrevistas semiestruturadas com algumas integrantes do grupo.

Durante o período de ocorrência dessa pesquisa, surgiram temáticas que não faziam, inicialmente, parte dos questionamentos, mas que ao aparecerem ganharam um espaço considerável, despertando assim, o nosso interesse em aprofundá-los para entender o funcionamento e as motivações para existência do grupo de mulheres gremistas. Identificamos a existência de três pilares que sustentam o Núcleo e que fazem dele este lugar tão *bem-quisto* entre essas mulheres: a paixão incondicional pelo Grêmio, um local de lazer e as relações de convívio e amizade.

De acordo com o material empírico coletado e os dados apresentados em relação à presença da mulher como pertencente ao futebol, foi possível perceber o crescimento da presença feminina em todos os espaços possíveis e uma aceitação mesmo que, lenta e gradual, por parte dos homens, da mídia e da sociedade em geral de que as mulheres também gostam de futebol e torcem pelos seus respectivos clubes.

Com o fechamento deste estudo, nos foi possível vislumbrar a existência de um grupo de mulheres verdadeiramente apaixonadas por futebol que estão

estabelecidas dentro de uma modalidade esportiva considerada de práticas e vivências masculinas. Essas mesmas mulheres ousam e buscam estabelecer um espaço para as torcedoras além da dedicação para com o grupo, que visa possibilitar um ambiente agradável de lazer e convívio. Todavia sem excluir as responsabilidades, metas e intenções a que elas se propõem buscando igualdades no tratamento e nas decisões do clube entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, Luc. et. al. **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. Portugal: Gradiva, 1997.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K.. Notas de campo. In: BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora. p.150-175, 1994.

BURGUESS, R.G. **A Pesquisa de terreno - uma introdução**. Portugal: Editora Celta, 1997.

CADAVID, Luz E. G.; CASTRO, Luis A. P.. **A propósito de la salud en el fútbol femenino: inequidad de género y subjetivación**. EF y Deportes Revista Digital. Buenos Aires. Ano 6, N. 33. Marzo, 2001.

COSTA, Leda M. da. **Maria Chuteiras x Torcedoras “Autênticas”. Identidade feminina e futebol**. In: ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH, Rio de Janeiro, 2006, p.1-11.

COSTA, Leda M. da. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol**. Esporte e Sociedade. Ano 2, N. 4. Novembro/Fevereiro, 2007.

DAMO, Arlei S.. **Futebol e estética**. São Paulo. Em Perspectiva. v. 15, n. 3, p. 82-91, Julho/Setembro, 2001.

DAMO, Arlei S.. **Futebol e Identidade Social – Uma Leitura Antropológica das Rivalidades entre Torcedores e Clubes**. Coleção Academia. Porto Alegre Editora da Universidade - UFRGS, 2002.

DARIDO, Suraya C.. **Futebol feminino no Brasil: Do seu início a prática pedagógica**. Revista Motriz. São Paulo. V.8 n.2, p.43–49, Abril/ Agosto, 2002.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo. N. 115, p. 139-154, março, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Memória e Sociedade. Lisboa: DIFEL, 1992.

FRANZINI, Fábio.. **Futebol é “coisa pra macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 25, N. 50, p.315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana V.. **A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade.** Motrivivência. Florianópolis. V. 16, p. 35-52, 2001.

GOELLNER, Silvana V.. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo. V.19, N.2, p.143-151. Abril/Junho, 2005a.

GOELLNER, Silvana V.. **Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história.** Revista Pensar a prática (UFG). Goiânia. V.8, N.1, p.85-100, Janeiro/Junho, 2005b.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **População brasileira em números.** Disponível em: <<http://ibge.gov.br.html>> Acesso em: 28 out. 2009

KNIJNIK, Jorge D.; VASCONCELLOS, Esdras G.. **Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil.** In: COZAC, João R.(Ed.). Com a cabeça na ponta da chuteira. São Paulo. Annablume/Ceppe. 2003. p.123-142.

LOURO, Guacira L.. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

MARCON, S. S.; ELSEN, Ingrid. **Estudo qualitativo utilizando observação participante - análise de uma experiência.** Acta Scientiarum. Maringá: UEM, V.2, N.22, p.637-647, 2000.

MARTINS, Leonardo T.; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.** Revista Pensar a prática (UFG). V.10. P.69-81, Janeiro/Junho, 2007.

Mulheres aumentam a audiência do futebol na TV brasileira. Disponível em: <<http://blogs.abril.com.br/blogdojj/2009/05/mulheres-aumentam-audiencia-futebol-na-tv-brasileira.html>>. Acesso em: 8 ago. 2009

NORONHA, Marcelo P.. **Futebol, gênero, e identidade feminina: Um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas.** In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder - 25 à 28 de agosto de 2008. Florianópolis, 2008, p.1-6

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio C.. **De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres.** Revista Movimento. Ano V, N. 11, p.50-56, 1999/2.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino.** 156f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, Fabiana C.. **Meninos e meninas na escola: um encontro possível?** Porto Alegre: Zouk, 2006.

STIGGER, Marco P.. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico.** Campinas – SP: Autores associados, 2002.

THIOLLENT, Michel J.M.. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária – 5ª Edição (Coleção Teoria e História 6)** Ed. Polis, 1987.

APÊNDICE 1
ROTEIRO DA ENTREVISTA

Pesquisa: **O Significado de ser torcedora para Integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas**

Entrevistadora: **Carolina Butzke Buchmann**

Entrevistada: _____

Bloco 1: Identificação

Nome: _____ Idade: ____ Profissão: _____

Estado Civil: _____ Formação: _____

Bloco 2: Futebol

Quando e como iniciou seu envolvimento com o futebol?

Qual é o espaço que o futebol ocupa em sua vida?

Você já foi praticante ou ainda pratica futebol?

Você já passou por algumas situações complicadas por causa desse esporte?

Bloco 3: Grupo (Núcleo de Mulheres Gremistas)

Como ficou sabendo da existência do grupo?

Faz quanto tempo que você faz parte desse grupo?

Qual a sua participação dentro do grupo?

O que pertencer a este grupo significa para você?

Qual a importância que o NMG tem em sua vida?

Participar desse grupo, para você, é lazer?

O que classifica como melhor e pior dentro do grupo?

Bloco 4: Torcer

O que significa ser torcedora para você?

Quais sentimentos são despertados ao torcer pelo Grêmio?

Você concebe sua vida sem torcer?

Você torce e acompanha o Grêmio através do quê?

Você é sócia?

Tem alguma questão que não foi realizada e que a senhora gostaria de falar/perguntar?

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: **Os Significados de ser torcedora para Integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas**

Pesquisadores responsáveis: **Graduanda Carolina Butzke Buchmann, orientada pelo Professor Dr. Marco Paulo Stigger**

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa que será realizada como critério de aprovação no curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela aluna **Carolina Butzke Buchmann orientada pelo Professor Dr. Marco Paulo Stigger**, como requisito para a sua monografia de conclusão de curso. O objetivo geral deste trabalho é entender os significados do ato de ser torcedora para mulheres pertencentes a um grupo, numa modalidade dita masculina como o futebol. **As pessoas que concordarem em fazer parte deste estudo deverão conceder uma entrevista semiestruturada que, após a realização, será transcrita e analisada pela pesquisadora.** É importante ressaltar que **a entrevista a ser realizada** não representará nenhum tipo de risco e/ou desconforto, pois você somente terá que responder às perguntas que foram elaboradas. A pesquisadora envolvida neste estudo tratará sua identidade com sigilo e se compromete a disponibilizar os resultados da referida pesquisa, tão logo esteja publicada. Você é livre para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento do processo de pesquisa, e sua participação não implicará nenhum custo econômico.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DO ESTUDO:

Eu, _____, fui informada dos objetivos desta pesquisa, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos realizados, pude esclarecer minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. A pesquisadora responsável certificou-me também de que todos os dados desta investigação serão confidenciais. Também sei que, em qualquer momento,

poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar, retirando meu consentimento de participação. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, posso contatar a aluna **Carolina Butzke Buchmann**, no telefone **(51) 81795733 e (51) 33983231**, ou ainda pelo e-mail **carol.buchmann@gmail.com** ou o orientador **Professor Dr. Marco Paulo Stigger no telefone (51) 33085853**.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Nome do Participante

Número do RG

Data

ANEXO 1

Abrindo o jogo

IMAGENS,
NOTÍCIAS
E CURIOSIDADES
DO FUTEBOL
BRASILEIRO



As tricolores unidas: peitando até os maridos colorados

UNIDAS PELO GREMISMO

TORCIDA ORGANIZADA FEMININA PROMETE DAR O APOIO QUE O TIME PRECISA NA SÉRIE B

Uma torcida diferente promete empurrar o Grêmio de volta à primeira divisão em 2005. Sem xingamentos, brigas ou protestos contra tudo e contra todos, o Núcleo de Mulheres Gremistas (NMG) quer fazer do tricolor um clube vitorioso outra vez. São moças e senhoras, dos 13 aos 80 anos, estudantes, donas-de-casa e profissionais liberais, preocupadas apenas em torcer pelo time. Criado no último dia 15 de maio, o grupo já conta com 70 torcedoras.

“Nos conhecemos nas sociais do Olímpico. Durante os jogos, entre uma conversa e outra no banheiro feminino, surgiu a idéia de fundar uma nova organizada, um pouco diferente das tradicionais”, diz a funcionária pública Rosa Beatriz Foresti, 50 anos, uma das fundadoras do NMG.

As iniciativas do grupo vão além da simples torcida nos dias de jogos. O Nú-

cleo de Mulheres Gremistas já realizou campanhas de arrecadação de roupas e brinquedos no Olímpico, a fim de doar a entidades assistenciais. Nas fases brabas do time, as senhoras também entram em campo. Antes do segundo Grenal do Brasileirão, elas recepcionaram os jogadores com rosas brancas. Apesar da iniciativa, a equipe não ajudou e foi derrotada por 3 x 1.

Apesar da draga do Grêmio, a mulherada promete não abandonar o clube. Excursões rumo ao interior do Brasil para acompanhar a Segundona já estão sendo planejadas.

“Nosso lema é: ‘com o Grêmio, como o Grêmio estiver’. Não vamos deixar o time na mão numa hora dessas, afinal, o clube está acima de tudo. Temos orgulho do nosso gremismo”, afirma Rosa. “Tentamos incentivar o time neste ano, mas dava para ver que não tinha mais

volta e seríamos rebaixados.”

A paixão pelo tricolor parece superar até mesmo possíveis boicotes dentro de casa. Muitas das associadas são casadas com o “inimigo”, ou seja, os colorados. “Muitos dos maridos não se importam que as esposas assistam aos jogos do Grêmio. Por respeito, eles sequer tocam flauta em casa. E esse ano foi um prato cheio. Sabem que somos apaixonadas por futebol, e não apenas mulheres que acompanham os maridos ao estádio”, diz Rosa.

Segundo as torcedoras, nas arquibancadas o comportamento masculino se repete. Elas juram que jamais foram ofendidas ou discriminadas. “No Olímpico ou mesmo em outros estádios nunca fomos agredidas, fisicamente ou com palavrões. Acho que o futebol está mudando e a maioria das pessoas já respeita e entende melhor quando as mulheres vão ao estádio.” **LEANDRO BEHS**

fevereiro 2005 | PLACAR 13

Reportagem sobre o Núcleo de Mulheres Gremistas, publicada na Revista Placar, fevereiro de 2005, pág.13.

ANEXO 2



Logo Oficial do Núcleo de Mulheres Gremistas.